

## O PRAZER E O SOFRIMENTO NAS PERSONAGENS FEMININAS DO CONTO *O CORPO*, DE CLARICE LISPECTOR

Daniela Gomes Loureiro (G-UFMS)  
Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS/CNPq)

### Resumo

Mediante análise do conto *O Corpo*, de Clarice Lispector, este estudo permitiu analisar as personagens femininas tomadas pelo amor e pela ira que inundam o texto. Utilizando o aporte teórico dos Estudos Culturais e da Análise Literária, nota-se que o conto oferece uma visualização da sociedade patriarcal e monogâmica em que a personagem masculina assume, diante de todos, seu relacionamento com duas mulheres, fato que não é visto como falha, mas como caracterização de virilidade e de força. Em outras palavras, na sociedade em que o homem dita e faz as leis, suas transgressões servem para firmar seu poder e sua virilidade. O homem mostra esse poder dominando e usando as mulheres como objetos sexuais. Seu interesse pelo sexo oposto é sexualizado, colocando em evidência a assimetria das relações entre as personagens femininas e a masculina; os sofrimentos, as dúvidas e os anseios femininos.

**Palavras-chave:** *sofrimento; patriarcalismo; personagem feminina.*

### Abstract

Through analysis the tale *O Corpo*, of the Clarice Lispector, this study allowed us to analyze the feminine personages with strong personalities taken by love and anger flooding the text. Using the theoretical framework of Cultural Studies and Literary Analysis, the tale offers a preview of the patriarchal society in which monogamous male character takes, before all, his relationship. In other words, society in which man makes the laws and dictates, their transgressions serve to establish his power and virility. The man shows that power to dominate and using women as sex objects. His interest in the opposite sex is purely sexual, highlighting that the feminine personages are subjected their sufferings, their doubts and their concerns, putting the woman in humiliating situations.

**Keywords:** *suffering; patriarchy; female personages.*

## 1. INTRODUÇÃO

O sofrimento feminino é assunto que instiga estudiosos de diversas áreas do conhecimento, especialmente porque as mulheres conquistam cada vez mais espaço na sociedade, buscando a igualdade e, porque não dizer, a superação de suas próprias vitórias em um mundo marcado por relações de poder assimétricas.

Entretanto, ainda vivemos em uma sociedade pouco flexível e moralista, ainda marcada por um machismo predominante desde a sociedade burguesa do século XVII. Esse

estado de coisas surge nas obras de Clarice Lispector e um dos seus princípios é revelar o papel do feminino diante de uma sociedade ainda machista e patriarcal.

A sujeição do feminino é demarcada no momento em que o masculino dita as regras, deseja e permite determinados desempenhos da mulher em sociedade, alimentando suas vontades, necessidade e princípios. Assim, o masculino se estabelece sob a ideia de ser superior (ou melhor) ao feminino.

Os valores apresentados nos contos de Clarice Lispector, a crítica presente em seus escritos, reveladora de uma época, mesmo em uma sociedade cada vez mais dominada pela conquistas do feminino, ressaltam, ainda, uma concepção preconceituosa do ser mulher no mundo (cf. ROSENBAUM, 2002, p. 13).

Essa concepção preconceituosa foi constituída de forma gradual. O homem (o masculino) estabeleceu formas de dominação, como senhor do mundo e, conseqüentemente, da mulher. A mulher foi tornada submissa, com sua ação restrita aos serviços domésticos, aos favores sexuais e às práticas reprodutivas (de descendentes). Está posta, então, uma relação assimétrica, com a mulher sendo relegada a um papel de submissão.

Considerando isso, pretende-se discutir o sofrimento e a subsequente revolta das personagens femininas, tomadas pelo amor e pela ira, tendo como foco de análise o conto *O Corpo*, de Clarice Lispector, buscando estabelecer as conexões das personagens femininas em interação umas com as outras, revelando, ao mesmo tempo, uma relação conflitante e tensa, porém, de reciprocidade entre as mulheres do conto de Lispector.

## **2. A AUTORA: CLARICE LISPECTOR**

Clarice Lispector escreveu romances, contos, crônicas, livros infantis, artigos em jornais; foi também tradutora. Além da repercussão nacional, suas obras tiveram projeção internacional e foram publicadas em diversos países: Alemanha, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos da América, França, Israel, Holanda, Inglaterra, Itália, Noruega, Polônia, Rússia, Suécia, República Tcheca, Turquia, entre outros.

Lispector procura refletir em seus escritos sobre as angústias do homem, suas frustrações e seus anseios, decorrentes da mecanicização e da massificação da vida. Muitos críticos ressaltam essa singularidade do estilo clariciano.

A questão da epifania nas obras de Clarice Lispector é um tema recorrente na crítica brasileira. Muitos a denominam como um “instante existencial”, um “momento privilegiado”, o “descortino silencioso”, traduzindo-a e/ou conceituando-a de forma diversa: ora como uma

revelação interior de duração fugaz; ora como um momento excepcional, revelador e determinante; ou como um fenômeno no qual, no ponto maior da dualidade entre o ‘eu’ e o ‘outro’, que se dissimula sob diversos disfarces, ocorre a um momento necessário e indizível de tensão na narrativa (cf. NUNES, 1989; REGUERA, 2006).

Não se pode dizer que os desfechos dos contos de Lispector apontem para a resolução dos conflitos; os conflitos são interiores, revelados e enunciados na narrativa. E o retorno ao equilíbrio da situação inicial, antes de se deflagrar a revelação, é praticamente impossível.

Em seus contos, a autora respeita as características fundamentais do gênero, concentradas em um núcleo narrativo, focalizando um momento carregado de significação, um momento denso na vida das personagens. Suas três principais coletâneas de contos são: *Laços de família*, *A legião estrangeira* e *Felicidade clandestina*. O núcleo das narrativas claricianas é um momento de “tensão conflitiva”. Em alguns contos essa tensão se dá subitamente e estabelece a ruptura das personagens com o mundo empírico; em outros, a crise mantém-se do início ao fim do conto. Essa crise pode advir de causas diversas: devaneios, mal-entendidos, incompatibilidade entre pessoas, embate de sentimentos. Pode ser decorrente de sentimentos de culpa, de cólera, de ódio ou de indícios de loucura que se manifestam diante de uma situação inesperada (cf. SÁ, 1979; KANNAN, 2003; FERREIRA, 2004).

No conto *O corpo*, mais uma vez Clarice Lispector trata, entre outros temas, do poder masculino sobre o feminino, especialmente o corpo feminino, e o sofrimento advindo dessa condição. A violência silenciosa do cotidiano empresta ao lar uma aparência de harmonia, a partir da postura cordata e conciliadora da mulher, não no sentido de tirar-lhe a carnadura histórica, mas como forma de elaboração de uma teia histórica em que o escabroso e o arbitrário são narrados. É o discurso do submisso que dá sua versão dos fatos, fazendo ecoar, silenciosamente, os gritos de horror, desacomodando as camadas sedimentadas do discurso oficial masculino.

As personagens de *O corpo*, em especial as femininas, são dotadas de forte densidade psicológica, entretecidas que são com os fios de várias redes de mundos e de culturas diversas.

Assim como em outros textos de Lispector, a mulher luta por um espaço de liberdade dentro de uma relação de dependência e complementaridade com o mundo masculino. As personagens femininas tentam recolocar-se no mundo, um mundo em que as mulheres têm pouco espaço, apesar de todas as suas conquistas. São mulheres que vivem em conflito com a teia sutil e repressiva que as envolve. Além disso, a autora propõe que essa teia não deriva tão

somente de um sistema controlado pelo masculino, mas que, afinal, é nos laços de família que são gerados os pequenos e os grandes mecanismos que reprimem a mulher.

### 3. O CONTO: *O CORPO*

O conto *O Corpo* faz parte dos 13 contos que compõem o livro *A Via Crucis do Corpo*, de Clarice Lispector, lançado em 1974 pela Editora Artenova.

Já no início do conto, o narrador revela a relação das três personagens (um homem e duas mulheres) e suas vivências sexuais. Beatriz é descrita por seu corpo grotesco e Carmem como o seu oposto, a mulher elegante. O modo de vida delas é representado por meio do exagero da comida e do sexo. O físico e as ações das personagens tendem ao grotesco e, por vezes, à náusea. “Beatriz, com suas banhas, escolhia biquíni e um sutiã mínimo para os enormes seios que tinha” (LISPECTOR, 1998, p. 22).

Segundo Lucia Helena (1997), encontra-se na narrativa de Lispector não só uma crítica das formas de articulação de poder em um universo marcadamente masculino, mas também uma crítica ao sujeito burguês, com seus símbolos fortemente internalizados. De acordo com a autora, Lispector,

[...] ao falar sobre a condição da mulher, e ao inscrevê-la como sujeito da estória e da história – não se limita à postura representacional de espelhar tal qual o mundo patriarcal e denunciá-lo, como se mergulhássemos nas águas de uma narrativa de extração neonaturalista. Nela se constrói, isto sim, um campo de meditação (e de mediação) em que se aprofunda o questionamento das relações entre a literatura e a realidade (HELENA, 1997, p. 109).

Em meio às relações mencionadas por Lucia Helena, surge em *O Corpo* a relevância do elemento concupiscente retratado na personagem masculina. No conto, o fenômeno da epifania<sup>3</sup> surge caracterizado por meio da náusea. Trata-se de um instante fugaz que promove uma quebra da lógica cotidiana e conduz o ser para uma nova condição perceptiva, que se estende ao mundo à sua volta.

No conto, a náusea surge como elemento intimamente ligado à epifania que, para Nunes (1989, p. 86),

[...] [é] qualificada pela náusea, que precipita a mulher num estado de alheamento, verdadeiro êxtase diante das coisas, que a paralisa e esvazia, [...] que lhe dá a conhecer as coisas em sua nudez, revelando-lhe a existência nelas represada, como força impulsiva e caótica, e desligando-a da realidade cotidiana, do âmbito das relações familiares.

Para Olga de Sá (1979, p.106), “[...] a epifania é um modo de desvendar a vida selvagem que existe sob a mansa aparência das coisas, é um pólo de tensão metafísica, que

<sup>3</sup>Epifania em literatura, segundo Benedito Nunes (1989), significa o relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que transforma radicalmente o ser, a partir de uma súbita revelação interior.

perpassa ou transpassa a obra de Clarice Lispector”. Beatriz, uma das personagens de *O Corpo*, obtém súbita e nova visão de si e do mundo à sua volta em dois momentos do texto: no seu encontro com Carmem e, depois, na descoberta da traição. Já o instante epifânico vivido por Carmem é marcado por uma súbita revelação de si mesma, na sala de estar de sua casa, a partir de seu entendimento com Beatriz.

Logo no início do conto, já se observa um triângulo amoroso bastante estável: Xavier, comerciante bem sucedido, vive com duas mulheres que se respeitam e que aceitam a situação com (aparente) naturalidade. A estabilidade das relações amorosas entre Xavier, Beatriz e Carmem é rompida quando elas descobrem que existe uma outra mulher na vida de Xavier, uma prostituta que ele visita periodicamente. A partir de então, Carmem e Beatriz vão se afastando de Xavier, ao mesmo tempo em que se tornam mais unidas. A monotonia do cotidiano aliada à decepção sofrida faz com que elas, depois de uma reflexão sobre a impossibilidade de transcender a morte, decidem antecipar o inevitável e terminam por deliberar pela morte de Xavier – plano executado por ambas.

Depois de matá-lo, Beatriz e Carmem enterram o corpo e, no local da cova, Beatriz tem a ideia de plantar rosas: “O pé de rosas vermelhas parecia ter pegado. Boa mão de plantio, boa terra próspera” (LISPECTOR, 1998, 27). Outro fato relevante que esse trecho apresenta, além de enfatizar a associação do corpo de Xavier à fertilização, é a relação da cor vermelha (as rosas, o sangue) e acontecimentos desencadeados dentro da narrativa. Isso lembra, também, as rosas vermelhas do conto *A Imitação da Rosa*, também de Lispector, em que a personagem Laura se aliena de si mesma e do mundo à sua volta.

Passados alguns dias do desaparecimento de Xavier, a polícia é chamada e descobre que ele fora enterrado no jardim de sua própria casa. Surpreendentemente, os policiais decidem que o melhor a fazer é esquecer tudo aquilo e sugerem a Beatriz e a Carmem que arrumem suas malas e se mudem para o Uruguai.

Xavier, o bígamo, é descrito como um homem “truculento e sanguíneo, muito forte esse homem”, e com características que no decorrer do texto se associam ao touro. Ele também aparece como um homem grosseiro e inculto, o que contribui para o efeito cômico produzido nas ações dessa personagem. Xavier possui um apetite voraz, tanto no que se refere à alimentação quanto à sexualidade. Há, no conto, uma relação direta entre comida e sexualidade: “Xavier bebeu vinho francês e comeu sozinho um frango inteiro” (LISPECTOR, 1998, p. 28). Outra associação feita a Xavier é a do super-homem, que coincide com a metáfora do touro, animal associado à potência sexual, às forças da criação e da natureza.

Convém lembrar que, em sentido mitológico, o Minotauro de Creta era um ser ávido de sangue, que necessitava ser alimentado anualmente por catorze jovens trazidos de Atenas. “Xavier engordou três quilos e sua força de touro cresceu-se” (LISPECTOR, 1998, p. 30). Ou ainda, quando é descrita a forma como ele se alimenta: “Xavier comia com maus modos: pegava a comida com as mãos, fazia muito barulho para mastigar, além de comer com a boca aberta” (LISPECTOR, 1998, p. 30).

Além disso, o texto está permeado por um jogo de números que, muitas vezes, parecem ser desnecessários ao conto, mas que colaboram para que o efeito cômico se realize com mais intensidade:

Xavier vivia com duas mulheres.[...] Cada noite era uma. À vezes duas vezes por noite. (p. 27).

A noite do último tango em Paris foi memorável para os três. [...] almoçaram às três horas. [...] Xavier tinha quarenta e sete anos. Carmem tinha trinta e nove e Beatriz já completara os cinquenta (p.28).

Durante três dias ele não disse nenhuma palavra às duas [...] Ao teatro os três não iam. (p. 30).

Às três horas da manhã Xavier teve vontade de ter mulher [...] Que se arranjassem com a terceira mulher. [...] As duas de vez em quando choravam... (p. 31).

Na cozinha há dois facões [...] somos duas e temos dois facões (p. 33).

[...] com o auxílio de duas pás abriram no chão uma cova (p. 34).

No jardim havia ‘Sete pessoas’ (LISPECTOR, 1998, p. 36).

A insistente repetição de números parece querer relativizar fatos que são fora do comum, além do efeito cômico, como em: “Às seis horas foram os três para a igreja. [...] Os três na verdade eram quatro [...] Foi uma azáfema a preparação das três malas [...] Sentaram-se em banco de três lugares” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Essa opção, em vez de outra, como, por exemplo: “No domingo à tarde Xavier e suas mulheres foram à igreja”, revela que o narrador se esforça em fazer com que uma situação insólita se torne familiar, por meio de recursos atenuantes.

Essa relativização do fato incomum, ao que parece, funciona também como um recurso de ironia. Ao menos é o que acontece quando se diz que “[...] às seis horas da tarde os três foram para a igreja”. A bigamia é condenada pela maioria das igrejas, no entanto, o fato de os três amantes terem ido à igreja parece não incomodar a ninguém. Há uma espécie de naturalização de um costume pouco natural, talvez porque quem o transgride seja um homem. As mulheres, apesar de diferentes, desempenham e agregam o papel de uma, a de esposa, embora em dois corpos diferentes, e isso transparece quando elas mantêm relações sexuais uma com a outra ao descobrirem a traição de Xavier. Isso abre possibilidades à *hybris* das

personagens femininas, não por uma vontade de conhecer o que não é comum dentro de uma sociedade marcada por relações heterossexuais, porém pela cólera e pelo sofrimento causado pela descoberta da traição de Xavier.

Em um mundo dominado pelo masculino, a sociedade e a religião contribuem para fundamentar os preceitos e ordenar as coisas em papéis masculinos e femininos. No conto *O Corpo*, a bigamia é relativa ao sentimento de domínio e de poder sobre as mulheres. Aliás, o texto não fornece muitas informações a respeito do comportamento alheio diante do triângulo Xavier / Beatriz / Carmem. A única informação que se tem a respeito do olhar alheio é a seguinte: “Todo mundo sabia que Xavier era bígamo: vivia com duas mulheres” (LISPECTOR, 1998, p. 27). O fato de as personagens femininas aceitarem tal situação, sem reclamar, evidencia o condicionamento da mulher pela vontade do homem: ele decide, ela faz.

A construção das personagens Beatriz e Carmem ocorre por meio de oposições que sugerem a ideia de complementaridade. Xavier e as duas mulheres formam uma unidade somente ameaçada com o aparecimento de um quarto elemento, a prostituta. Tal figura é a personagem que vem desestabilizar o triângulo. Ela, a terceira, não é aceita por Beatriz e por Carmem que, entre si, não sentem ciúmes, porém não toleram um elemento alheio ao seu cotidiano. Ainda persiste uma proposição da tríade perfeita, tão cara ao universo ocidental e cristã. No jogo do três, não cabe um quarto.

A presença do cômico-grotesco, manifestada em Xavier, é também bastante perceptível na configuração de Beatriz, personagem que não possui senso de ridículo:

Beatriz comia que não era vida. Era gorda e enxudiosa. (p. 27).

[...] Carmem era mais elegante. Beatriz, com suas banhas escolhia biquíni e um sutiã mínimo para os enormes seios que tinha. [...] Beatriz saiu e comprou uma minissaia. (LISPECTOR, 1998, p. 29)

Como já foi mencionado, no início do conto o que transparece é uma estabilidade conjugal mantida entre as três personagens. Contudo, essa estabilidade é rompida pela descoberta de uma terceira mulher, ou melhor, de um quarto elemento. A isso, soma-se um certo dissabor provocado pela rotina do cotidiano: “E assim era, dia após dia. [...] Passavam-se dias, meses, anos. Ninguém morria” (LISPECTOR, 1998, p. 28).

A descoberta de um quarto elemento desencadeia o sofrimento e o desejo de vingança, aliados à reflexão da impossibilidade de escapar à morte, o que contribuiu para que Beatriz e Carmem antecipem a morte de Xavier. “Vamos esperar que Xavier morra de morte morrida? [...] Acho que devemos as duas dar um jeito” (LISPECTOR, 1998, p. 32).

Assim surge a ideia da morte de Xavier, na aparente naturalidade com que Beatriz e Carmem decidem e executam o crime. É o momento em que o submisso, a mulher, se (re)volta contra seu opressor. A vítima se converte em algoz. E elas

[...] foram armadas. O quarto estava escuro. Elas fraquejaram erradamente, apunhalando o cobertor. Era noite fria. Então elas conseguiram distinguir o corpo adormecido de Xavier. [...] estavam exaustas. Matar requer força. Força humana. Força divina (LISPECTOR, 1998, p. 34).

Há, no entanto, um momento crucial que reduz toda a narrativa ao silêncio. É quando a polícia cava o jardim e encontra o corpo de Xavier. A solução do crime, dada pelo policial, é totalmente inusitada: “Vocês duas [...] arrumem as malas e vão viver em Montevidéu. Não nos dêem maior amolação”.

A potência sexual e a energia criadora de Xavier eram tantas que a terra onde ele foi sepultado tornou-se fecunda e ali floresceram rosas. E uma possível prisão de ambas as mulheres não se concretiza, havendo a alternativa da liberdade e do recomeço em outro lugar. Beatriz e Carmem agradecem: “Muito obrigada. E Xavier não disse nada. Nada havia mesmo a dizer” (LISPECTOR, 1998, p.37).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto *O Corpo* é narrado de forma incisiva, sendo possível perceber uma analogia com momentos que nos remetem à Paixão de Cristo, a via sacra, mostrando as estações de sofrimento e de sacrifício do corpo. São as etapas em que as personagens femininas aparecem em busca de seu lugar junto ao homem e não em submissão a ele.

Nesse sentido, Souza (2007, p. 74), afirma que:

O desejo de se igualar ao outro atinge requintes de despersonalização, a ponto de o sujeito se apagar como indivíduo e de apelar para o reconhecimento internacional, diluindo-se na imagem alheia ao invés de se impor na sua subjetividade.

Manifesta-se, assim, o desejo e o anseio das personagens femininas de Clarice Lispector em busca de um lugar para si, pois viviam em processo de despersonalização, como afirma Souza, o que as levou ao desequilíbrio e à transgressão.

Pode-se, dessa forma, evidenciar, no conto, a existência de uma sociedade marcada pelo predomínio da vontade do masculino. A relação de Xavier e suas duas mulheres – mais a terceira, a prostitua – não é vista como falha moral, porém como uma caracterização da virilidade e da força masculinas. Em outras palavras, em uma sociedade onde o homem dita e faz as regras suas transgressões servem para firmar seu poder e sua força na imposição de um papel de submissão ao feminino.

A autoridade masculina caracteriza-se pela ordenação do mundo em opostos hierárquicos, na qual encontramos a dualidade sexual básica entre homem/mulher, macho/fêmea. São essas denominações fundadas no papel preponderante do masculino no mundo ocidental e cristão que determinam os papéis sociais do homem e da mulher. Essas marcas estão presentes no sofrimento das personagens femininas de *O Corpo*. Nele, Beatriz é descrita por meio de seu corpo grotesco e Carmem como o seu oposto, a mulher chique, elegante. O físico e as ações das personagens tendem ao grotesco e, por vezes, à náusea. Já Xavier é descrito como forte como um touro, a figura do animal, a imagem do reprodutor, que aduba e fertiliza – as rosas nascem sobre sua cova – e, paradoxalmente, a semente da liberdade de Beatriz e Carmem, “convidadas” a viajar para o Uruguai pelo policial que descobre o corpo do amante de ambas.

As mulheres, apesar de diferentes, desempenham e agregam o papel de uma, a de esposa, embora em corpos diferentes. Evidencia-se, pois, que a mulher, ao longo da história, teve seu papel circunscrito à vida privada e submissa às vontades do homem. E aquelas que, por algum motivo, ousassem transgredir essa ordem eram duramente punidas. Ontem, como ainda hoje, em um universo dominado pelo masculino, a sociedade e a religião contribuem para fundamentar os preceitos e ordenar o mundo em binarismos, como o masculino e o feminino.

Assim, este ensaio nos permite afirmar que as mulheres em *O Corpo*, ou seja, Beatriz e Carmem, ao longo da narrativa, não se contentam mais com os papéis impostos pela personagem masculina. Elas, então, transgridem a ordem estabelecida pelo universo masculino. Seu corpo não mais está preso às normas sociais e/ou religiosas, mas transbordam no sofrimento e extravasam na força e na ira de tantos recalques e sofrimentos. Elas se libertam para agirem conforme seus impulsos e forjarem para si um novo lugar.

## REFERÊNCIAS

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. A fala feminina. *Revista Continente Multicultural*, Recife, ano 3, n. 37, p. 23-24, jan. 2004.

HELENA, Lucia. *Nem musa nem medusa: itinerários da escrita de Clarice Lispector*. Niterói: EDUFF, 1997.

KADOTA, Neiva Pitta. *A tessitura dissimulada: o social em Clarice Lispector*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

KANNAN, Dany Al-Behy. *À escuta de Lispector: entre o biográfico e o literário, uma ficção possível*. São Paulo: EDUC, 2003.

LISPECTOR, Clarice. *O Corpo*. In: \_\_\_\_\_. *A Via Crucis do Corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Civilização Brasileira, 1974.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989.

REGUERA, Nilze Maria de Azeredo. *Clarice Lispector e a encenação da escritura em a Via Crucis do Corpo*. São Paulo: UNESP, 2006.

ROSENBAUM, Yudith. *Clarice Lispector*. São Paulo: Publifolha, 2002.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes, 1979.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.